



Como a cultura popular se constrói como um elemento de reafirmação e resgate da identidade para a permanência da juventude em seus territórios no fazer agroecológico: Um relato de Experiência do 4º Encontro Nacional de Agroecologia (ENA).

How the popular culture is constructed as an element of reaffirmation and rescue of the identity for the permanence of the youth in their territories in the agroecological making: An experience report of the 4th National Meeting of Agroecology (ENA).

SILVA, Victor Higor da¹; PARAISO, Diana B do Nascimento¹

¹ UFRPE, vhb07@gmail.com ; ¹ UFRPE, diana.barbara@hotmail.com

Eixo temático: Cultura Popular, Arte e Agroecologia

Resumo: O IV Encontro Nacional de Agroecologia (IV ENA) foi realizado de 31 de maio a 03 de junho de 2018 no Parque Municipal da cidade de Belo Horizonte que, inspirado pelos 30 anos da Constituição Federal, teve como lema “Agroecologia e Democracia Unindo Campo e Cidade reunindo diversos atores sociais que estão construindo a agroecologia em seus territórios hoje. Nesse sentido, entendendo a importância da cultura popular para a permanência das juventudes em seus territórios no fazer agroecológico, o presente trabalho tem como objetivos entender a relação entre cultura e identidade na permanência da juventude em seus territórios, identificar a cultura popular como elemento norteador das trocas de saberes na sucessão familiar, avaliar o impacto das diversas manifestações culturais dentro dos sistemas agroalimentares no Brasil atualmente bem como estabelecer a prática da agroecologia no campo e na cidade como uma ferramenta política de luta e de sobrevivência da juventude na disputa de novas narrativas a partir da agroecologia de saberes.

Palavras-Chave: Emancipação, agricultura, Juventude

Keywords: Emancipation; Agriculture, Youth.

Contexto

O presente trabalho instiga colocar uma luz sobre o debate intrínseco a nós, a identidade. Antes de mais nada, é importante lembrarmos que somos resultado de nossa territorialidade, é impossível desconsiderar o caráter sócio-político-cultural que constituímos em comunidade ao nos relacionarmos com o mundo e com o outro. Nesse sentido, entendendo que é a partir das experiências empíricas que percebemos os movimentos de resistência em sua essência, tomamos como ponto de partida para essa reflexão o grupo de Trabalho (GT) de Juventude da ANA no 4º Encontro Nacional de Agroecologia que ocorreu de 31 de maio a 03 de Junho de 2018 no Parque Municipal Américo Renné Giannetti, Centro de Belo Horizonte.

O evento ocorreu num contexto crítico da vida nacional, com diversos ataques à democracia iniciados em 2016 com o golpe parlamentar que destituiu um governo eleito com mais 54 milhões de votos no país, e que desde então, tem se mostrado cada vez mais um governo antipopular alinhado com um projeto ultraliberal, que está



atualmente em curso no mundo contra os direitos humanos, trabalhistas e previdenciários. As condições de vida dos trabalhadores e da juventude está cada vez mais precária. Os índices de desemprego chegam a números alarmantes, ultrapassando a casa dos 30% entre jovens de 18 a 24 anos.

As previsões para o crescimento econômico no país, revisadas já inúmeras vezes, apontam para um pífio 1% de crescimento em um cenário de desindustrialização e reprimarização da economia brasileira. É o acirramento da luta de classes do século XXI que visa destituir e atacar os direitos que conquistamos através de nossas lutas cotidianas pela agroecologia e pela construção da democracia, nas florestas, nas águas, no campo e na cidade.

Pensar a Agroecologia é pensar em territorialidade. Pensar em território é pensar em cultura, bem como pensar cultura é pensar identidade, memória, história, permanência. Através das discussões proporcionadas pelo GT Juventude no IV ENA, podemos constatar através da diversidade de experiências agroecológicas que estão sendo tocadas de Norte a Sul do Brasil, que a cultura em suas mais variadas manifestações se dá de forma simultânea e emblemática nos mais variados territórios.

Dessa forma, a cultura se configura como uma ferramenta de luta e organização da juventude, na perspectiva da sucessão familiar na agricultura rural e urbana e de resistência aos ataques da democracia burguesa materializados com o recrudescimento da violência e autoritarismo do latifúndio através dos monocultivos, mineração, hidrelétricas e demais projetos do capital, que visam explorar de forma predatória os recursos naturais para produzir commodities a partir da criminalização das periferias e do campo, bem como o encarceramento em massa da juventude negra e o genocídio dos povos das florestas e das águas.

A cultura popular bem como a educação popular irrompe como um elemento identitário e histórico da permanência das juventudes em seus territórios a partir da leitura crítica de suas realidades nas práticas contra-hegemônicas do fazer agroecológico, tecendo argumentos que se opõem e desmontam a superestrutura do capitalismo. Dessa forma, reivindicando seu papel na construção do saber científico ao pensar um outro projeto de sociedade a partir da solidariedade entre os povos, a garantia da soberania alimentar e nutricional do povo numa perspectiva de redistribuição das terras em processos de transição agroecológicas, subvertendo a lógica atual dos sistemas agroalimentares fomentados pelo agronegócio.

Descrição da Experiência

O espaço do Grupo de Trabalho (GT) Juventude da ANA foi realizada através de um espaço autogestionado a partir da troca de saberes produzidos em diversos territórios de resistência cultural e agroecológica no Brasil.

Contamos com a partilha de várias experiências agroecológicas que estão acontecendo pelo Brasil a fora, como os jovens do coletivo Horta Di Gueto que constrói



a rede Permaperifa que é uma denominação periférica para a prática da permacultura urbana nas periferias de São Paulo e que tem transformado através da cultura do hip-hop e da agroecologia a consciência sobre a construção da agricultura urbana das comunidades de jovens à mais velhos.

Tivemos também o relato da experiência do Grupo Balanço do Coqueiro lá do Assentamento Maceió da Comunidade Seis Coqueiros que trazem o debate sobre gênero que se propõe a refletir sobre a mulher e seu lugar social onde afirmaram que “Lugar de mulher é onde ela quiser” através do projeto “Um Toque de Renda” as mulheres fazem uso de composições musicais acompanhadas de alfaias como mecanismo de levar educação, cultura e empoderamento feminino.

Em seguida tivemos a contribuição da juventude da Articulação de Agroecologia da região do serramar no Rio de Janeiro que contou sobre as dificuldades de ter uma autonomia financeira numa conjuntura que dificulta a permanência no campo que denunciaram também a intervenção militar no Rio de Janeiro, o aumento de passagens que limita a capilaridade das articulações entre jovens de diferentes regiões mas que há uma resistência através da luta pelo direito à terra reivindicando a política de sucessão familiar no contexto da agricultura urbana como estratégia de autofinanciamento com as vendas dos alimentos produzidos em feiras agroecológicas. Elencaram ainda que a cultura aproxima os jovens da comunidade ao diálogo agroecológico, através das rodas de Jongo que se caracterizam como um elemento de reafirmação identitária e política num contexto em que o poder público busca de diversas formas privatizar os espaços públicos de hortas comunitárias e de terras que garantem o plantio e sustento de muitas famílias através de desapropriações arbitrárias de moradores e desmatamento.

E dentre tantas outras, tivemos também a experiência da Comissão de Jovens Multiplicadores da Agroecologia (CJMA) de Pernambuco que surge em 2005 através de iniciativa do Centro Sabiá (que já presta assistência à agricultura familiar há 27 anos), que vem promovendo o encontro e troca desses jovens através de espaços de formação política, pedagógica e assistência técnica nas implementações de tecnologias para a realidade camponesa que gere renda a esses jovens, capacitações, cursos, produção de alimento e grupos de gerenciamento de renda que auxiliem no desenvolvimento e multiplicação da Agricultura Agroflorestal. Fazem uso das redes sociais no compartilhamento de informações através de vídeos no YouTube e a rádio comunitária debatendo questões de protagonismo negro, feminino e LGBTQI+. Hoje a CJMA é reconhecida pelo Banco do Brasil como Tecnologia social.

Resultados

A partir das observações realizadas durante o evento, percebemos a potência presente em ambientes autogestionados como o ENA possibilitando que nos aproximemos de novas narrativas de aprendizagem a partir das vivências das juventudes. O evento traz como resultados o encontro da diversidade de saberes que vai para além de espaços formais de produção e disseminação do conhecimento



agroecológico, onde percebe-se visivelmente que tal sistema ultrapassa os debates teóricos da academia, se constituindo como um modo de produção alternativa que pauta o bem viver, contrapondo o modelo de desenvolvimento e abastecimento alimentar socialmente excludente e comprometedor da saúde coletiva, que é o modelo atual capitalista. Não obstante, a juventude age como um multiplicador, transformando essas práticas em metodologias palpáveis, usando de sua culturalidade e identidade como forma de disseminação e emancipação, tanto política, como econômica, indo de encontro com heranças históricas de desvalorização das vivências do trabalho no campo, exigindo novas configurações da juventude, bem como, novos enfrentamentos no que diz respeito à exploração de mão de obra dos jovens.

Segundo dados do INEP (2015), 4.084 escolas do campo foram fechadas em todo o país, o que nos permite dimensionar o fracasso da política educacional proposta para o campo, sendo encontrada também limitações de caráter estruturais e pedagógicos de aprendizagem que se repete nas áreas urbanas, fazendo com que muitos jovens saiam de seus locais de moradia para poder ter uma educação satisfatória.

Foi com o processo de redemocratização do país que a educação do campo entra em pauta como tema estratégico. A ideia era reivindicar e, simultaneamente, construir um modelo de educação sintonizado com as particularidades culturais, os direitos sociais e as necessidades próprias à vida dos camponeses. (SECAD, 2007, p. 11)

Nesse sentido, é a partir de experiências empíricas que percebemos os movimentos de resistência cultural do povo campestre em sua essência. Walter Benjamin (1994) em “Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura” traz o debate da história cultural e se aproxima da literatura, outras formas de arte e da história justamente para trazer a relação entre ser humano e a experiência, trazendo o materialismo histórico sem desconsiderar nossa subjetividade e o imaginário social. O que resiste, o que fica, nossos discursos e trocas em expressividade, não é em vão e faz parte do que nos constitui coletivamente e individualmente. Aqui também, não traremos apenas a literatura como norte para os reflexos da existência, mas também outras expressões que muitas vezes carregam discursos até mesmo ao calar.

Referências bibliográficas

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: obras escolhidas**. Brasiliense, 2017.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2002. 92p

NASCIMENTO, Erika et al. **Juventude e permanência no campo: reflexões das juventudes rurais sobre possibilidades, limites e desafios**. Recife: Centro Sabiá, 2016. 1ª Ed.